

Debate na CAE do Senado Federal sobre Gasto Fiscal e Orçamento

A Comissão de Assuntos Econômico (CAE) do Senado Federal fez um interessante debate ontem dia 26 de agosto sobre o problema do orçamento e gasto público. O debate foi entre os economistas Raul Velloso, Fernando Resende (ex-presidente do IPEA) e Cláudio Hamilton – Diretor de Macroeconomia do IPEA.

Como estava lendo aqui em um quarto de hotel de São Paulo tive a chance de assistir o debate via internet e, ao longo da exposição de mais de duas horas, fui escrevendo as minhas impressões no twitter. Envio abaixo as minhas inserções ontem no twitter que foram reagrupadas para tornar a leitura mais fácil. Vale a pena ler.

Comentários que fiz no twitter ao longo do debate fiscal na CAE dia 26 de agosto de 2013

Assistam on line a sessão da CAE no Senado Federal com Fernando Rezende (ex-presidente do IPEA), Raul Velloso (consultor na área de finanças públicas) e Claudio Hamilton, Diretor de Macroeconomia do IPEA e representando o **Presidente do IPEA, Marcelo Neri.**

O representante do IPEA fala do papel importante do salário mínimo para explicar ganho de renda real nas metrópoles e no mercado formal. O efeito salário mínimo é um exagero do Claudio Hamilton do IPEA. Muito do ganho de renda dos trabalhadores é resultado de melhoria da educação da mão de obra.

Daqui a pouco meu colega do IPEA deve falar s/ carga tributária líquida/ conceito que acho sem sentido pq dá a impressão de neutralidade. IPEA mostra que crescimento da arrecadação foi natural – resultado do dinamismo do mercado de trabalho. Não foi culpa do governo. Será?

Ou seja, o fato de a indústria perder competitividade porque paga muito imposto não é culpa do governo. Mas o governo não poderia então ter reduzido a carga tributária já que houve um aumento de arrecadação em virtude do *boom de commodities*? Governo não foi neutro! Ao contrário, crescemos no segundo governo Lula 4,6% aa. Perdemos uma excelente oportunidade de cortar gastos e impostos. Passou. Perdemos!

“as transferências custam caro mas beneficiam muitos” e respondem por 1/3 do aumento da renda e os outros 2/3 são renda do trabalho afetado pelo salário mínimo. Meu colega do IPEA não fala nada de educação, algo que **Marcelo Neri, presidente do IPEA,** sempre destaca. Que estranho!

Meu colega do IPEA Claudio Hamilton defende uma tese polêmica. Comparar gastos com saúde e educação per capita e não pelo PIB. Faz sentido? A meu ver não. Em pol. social, a literatura mostra que vale o paradoxo de Robin Hood: governos de maior renda per capita gastam mais per capita c/ social

Por que? porque países em desenvolvimento não tem produtividade para aumentar muito tributação per capita sem afetar crescimento. Se os trabalhadores no Brasil tivessem a produtividade dos trabalhadores na Alemanha a nossa carga tributária não seria tão ruim para o crescimento.

Meu colega do IPEA agora defendeu retirar o gasto com investimento público do resultado primário. Não faz sentido. Explico. O conceito de poupança pública já exclui gasto com investimento. Retirar investimento do primário não vai aumentar a economia do governo para pagar a dívida. Até porque, hoje, o governo define a meta que quiser. Não existe nenhuma obrigação que o governo faça 3,1% do PIB ou 2,3% do PIB.

O governo, se quiser, pode até fixar uma meta de primário “zero” e até mesmo negativa.

Estou gostando da fala do Raul Velloso. Começou mostrando a rigidez do gasto = uma grande folha de pagamento de pessoas e transferências. Ponto do Raul Velloso: 72% do gasto do Gov. Federal é com a “grande folha”: salários + transferências. Congresso fica brigando pelo resto.

Senador Cristovam Buarque: “Aritmética é mais importante que a Constituição”. Não dá para adaptar a aritmética à vontade da Constituição”

Raul Velloso: “Tenho dúvidas se existe país que pendure tanta gente no orçam. federal”. Claudio Hamilton critica o uso do termo “pendurado” e Raul Velloso responde: “OK “me diga qual termo que devo usar que uso”. Raul Velloso acabou com a festa: “se quisermos controlar o gasto, a regra do salário mínimo terá que mudar”. Raul Velloso provocou: “você podem ver como é difícil mudar isso. Claudio Hamilton do IPEA reclamou até do termo que usei: pendurado”.

Raul Velloso mostrou que investimento público caiu muito e que o Brasil gasta mais e pior que países de renda per capita semelhante. Até agora o debate está no seguinte pé: Raul Velloso: gastamos muito e isso atrapalha o investimento e exige alta carga tributária. Cláudio Hamilton: modelo que está aí é escolha social e pode até ser bom. Dinamizou o mercado de trabalho e a economia.

Vamos agora para meu amigo Fernando Resende. Começou mostrando que a reforma do orçamento é a reforma esquecida. Ninguém fala dessa reforma. Fernando fala que o orçamento olha para o passado e não para o futuro. Logo, o orçamento perdeu importância.

Fernando faz um bom ponto: como queremos discutir orçamento se nem mesmo fazemos uma previsão séria da receita? E em seguida explica o “efeito cremalheira” que vem da separação entre impostos e contribuições. Criamos contribuições que aumentam o orçamento da seguridade social que dá origem a novos gastos. Ou seja, governo aumenta contribuição p/ não dividir arrecadação com estados e municípios, mas teve que criar a DRU para tirar recursos do orçamento da seguridade social. Mas como o orçamento da seguridade social fica com mais recursos, apesar da DRU, aumenta demanda por políticas sociais. Tudo isso levou a uma armadilha do “baixo crescimento”. Não há mais no orçamento público espaço p/ investimento (e tirar o investimento do conceito de superávit primário não resolve o problema).

Como o governo conciliou tudo isso? Gastos crescente com a necessidade de economizar para pagar a dívida? aumentando restos a pagar que estão cada vez mais rígidos. LEGAL!!! Fernando está mostrando alguns gráficos meus que estão no seu livro que tem um capítulo meu de 100 páginas. Fernando: “o gato subiu no telhado”. Precisamos reconhecer que o nosso orçamento perdeu a funcionalidade.

Senador Cristovam Buarque: “se colocarmos hoje 10% do PIB em educação vamos jogar dinheiro fora”.

Claudio Hamilton (IPEA): “A preocupação do governo é com o povo brasileiro. Há mais esperança no Brasil por causa das políticas do governo”. E lá vem meu colega do IPEA Cláudio Hamilton defender o BNDES e, PROPOSITADAMENTE, não fala da questão do *funding* do BNDES: aumento da dívida. Como ele é diretor de macroeconomia, deve saber que isso levou a um brutal crescimento da dívida bruta. Claudio Hamilton insiste que não se deve colocar investimento no cálculo do primário como se isso fosse o que atrapalha o investimento.

O que atrapalha o investimento no Brasil é que o governo não sabe o que fazer. O marco regulatório muda todas as semanas. Cristovam Buarque lembra a Cláudio Hamilton que o BNDES não presta esclarecimentos ao Senado. Raul Velloso: “eu não vou engrossar o caldo da discussão”. Raul corrobora ponto do senador: não sabemos custo dos empréstimos p/ BNDES.

Bom, o debate está terminado e chegou a hora de dormir. Mas como não poderia ser diferente, o debate está terminando na CAE com Senador Suplicy falando do seu programa renda mínima. Abs, Mansueto.

